

# INTERESPAÇO

## Revista de Geografia e Interdisciplinaridade

### EXPERIÊNCIA E SEU SENTIDO:

#### Breves considerações sobre o sentido de experiência para Benjamin em *Experiência e pobreza*

**Gustavo Augusto da Silva Ferreira**

Professor de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Mestre e Graduado em Filosofia pela mesma universidade e Graduado em Teologia pela Faculdade Kurius – FAK.

[professorgustavoferreira@hotmail.com.br](mailto:professorgustavoferreira@hotmail.com.br)

### RESUMO

Trata-se de ressaltar o desinteresse da experiência no processo do desenvolvimento sócio-cultural na perspectiva de Walter Benjamin. Utilizaremos como base filosófica de nossa pesquisa o texto *Experiência e Pobreza* do filósofo alemão supracitado. A experiência sempre fora valorizada nas culturas mais antigas. No oriente, países como a China ainda mantém a tradição na qual idosos são ouvidos nas tomadas de decisões. Dos mitos de sociedades antigas, na cultura hebraica (mosaica) e na cultura grega, o jovem tem por obrigação e dever, na comunidade ou na polis, de obedecer, ouvir e cumprir o que o mais experiente recomenda ou evoca de forma análoga à sua experiência. No entanto, a atualidade destrona tradições, pois quem tenta nos nossos dias sequer, lidar com a juventude invocando experiências? Talvez isto se dê devido ao acúmulo de informações e experiências desenfreadas, tão abrangentes e avassaladoras na contemporaneidade. Walter Benjamin afirmou em seu texto que “nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes”. Enfim, surge a incógnita quando a questão aponta para o valor de todo um patrimônio cultural e ético desvinculado da experiência. Pois a ausência da experiência no ensinamento parece registrar a pobreza das bases do saber hodierno.

**Palavras-chave:** Walter Benjamin; Experiência; Pobreza; Ensino; Cultura.

### EXPERIENCE AND ITS MEANING:

Brief reflections on the meaning of experience for Benjamin on *Experience and poverty*

### ABSTRACT

It is noteworthy disinterest of experience in the process of socio-cultural development in Walter Benjamin's perspective. We will use as a philosophical basis of our research the experience and Poverty text above the German philosopher. Experience always been valued in older cultures. In the East, countries like China still keeps the tradition in which seniors are heard in decision-making. The myths of ancient societies, the Hebrew culture (Mosaic) and in Greek culture, the young man has an obligation and duty, in the community or polis, to obey, listen and fulfill what the savvy recommend or evokes a similar way to its experience. However, the present dethrones tradition, for who tries nowadays even, dealing with youth invoking experiences? Perhaps this takes place due to the accumulation of information and experiences rampant, as comprehensive and overwhelming nowadays. Walter Benjamin stated in its text that "there was never experiences more radically demoralized the strategic experience by trench warfare, economic experience by inflation, body experience hunger, moral

experience by the rulers. " Anyway, the unknown arises when the question points to the value of an entire cultural and ethical heritage divorced from experience. Since the absence of experience in teaching seem to register the poverty of today's knowledge bases.

**Keywords:** Walter Benjamin; Experience; Poverty; Teaching; Culture.

### **EXPERIENCIA Y SU SIGNIFICADO:**

#### **Breves consideraciones sobre el significado de la experiencia en Benjamin en *la Experiencia y la pobreza***

#### **RESUMEN**

Se trata de hacer hincapié en el desinterés de experiencia en el proceso de desarrollo socio-cultural en la perspectiva de Walter Benjamin. Vamos a utilizar como base filosófica de nuestra investigación la experiencia y el texto por encima de la pobreza filósofo alemán. Siempre experiencia ha valorado en las culturas antiguas. En el Este, países como China aún mantiene la tradición en la que las personas mayores sean escuchados en la toma de decisiones. Los mitos de las sociedades antiguas, la cultura hebrea (mosaico) y en la cultura griega, el joven tiene la obligación y el deber, en la comunidad o polis, a obedecer, escuchar y cumplir con lo que recomiende o evoca una manera similar a los más experimentados de su experiencia. Sin embargo, la presente destrona tradiciones, para que intenta incluso hoy en día, frente a los jóvenes invocando experiencias? Tal vez esto se lleva a cabo debido a la acumulación de información y experiencias rampantes, como integrales y abrumadoras hoy en día. Walter Benjamin declaró en su texto que "nunca hubo experiencias desmoralizados más radicalmente la experiencia estratégica por la guerra de trincheras, la experiencia económica por la inflación, el cuerpo experiencia del hambre, la experiencia moral de los gobernantes. " Por último, se plantea la incógnita cuando la pregunta apunta al valor de todo un patrimonio cultural y ético desacoplado de la experiencia. Por la falta de experiencia en la enseñanza parece registrar la pobreza de los fundamentos del conocimiento de hoy en día.

**Palabras clave:** Walter Benjamin; Experiencia; Pobreza; Enseñanza; Cultura.

### **INTRODUÇÃO**

É sempre extremamente interessante e ao mesmo tempo relativamente desastroso observar o decurso do sentido da experiência na história dos homens, na história não simplesmente catalogada, mas na história que pressupunha a própria experiência e a mitificação da mesma, a história que pressupunha a estória. O conceito “experiência” foi desexperenciado por um conhecimento que aponta para algo que não necessariamente pode ser tomado como experiência em seu sentido mais comum.

Os judeus, por exemplo: poder-se-ia em tempos relativamente longínquos observar o quão imunes eram os mesmos a determinados males. Em comunidades judaicas mais conservadoras é quase impossível encontrar um homem em idade elevada sofrer de câncer

de próstata<sup>1</sup>. Isso se dá graças à circuncisão, que elimina logo nos primeiros três meses de vida a possibilidade do desenvolvimento futuro de tal mal. Infecção ou contaminação por estafilococos é outro fenômeno quase impossível de se presenciar em tais comunidades. Isso porque, graças à obediência à tradição judaica que se pautou na experiência dos antigos, evita-se até o presente o consumo da carne de suínos e de alguns outros animais considerados “imundos”.

É assim que se dá o segmento natural do experienciar, é assim que se constrói culturas milenares e quase inabaláveis como a riquíssima cultura Hindu. O caminho da experiência e o seu horizonte mais preciso foi não necessariamente abandonado, mas, no mínimo, ignorado pela entrada da contemporaneidade em cena; o advento da técnica, as grandes guerras, o avanço tecnológico, a acertada profecia nietzscheana acerca das guerras que estavam por vir pautadas na vontade de potência do homem, o percurso histórico-econômico que não só propiciou mas providenciou o advento do mostro que permeia o mercado e a mundanidade humana, digo, o capitalismo, tão bem profetizado racionalmente por Marx, enfim, tudo isso e mais algumas outras nuances da história desperspectivaram a perspectiva da experiência e seu valor enquanto combate direto à pobreza e miséria humanas. Walter Benjamin, o pensador aqui em questão e seu pequeno, porém significativo texto *Experiência e pobreza*, de 1933, são o ponto nodal da análise filosófica da questão exortada aqui.

## **BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SENTIDO DA NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA**

Memória, esquecimento, tradição, transmissão, perda, choque, barbárie, perda ou ocultamente da áurea etc., são alguns dos conceitos singularmente elencados sabiamente por Benjamin no processo de construção de seu crítico e ativo pensamento acerca do declínio e da ausência do sentido da experiência<sup>2</sup>. É interessante observarmos de antemão que, para nós, há uma mudança no mínimo significativa do conceito de experiência benjaminiano nos seus textos iniciais (principalmente em 1913 e 1917, em seus diálogos

<sup>1</sup> Cf.: <[http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/04/28/noticia\\_saudeplena,148385/circuncisao-evita-o-cancer-de-prostata-diz-pesquisa.shtml](http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/04/28/noticia_saudeplena,148385/circuncisao-evita-o-cancer-de-prostata-diz-pesquisa.shtml)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

<sup>2</sup> O tema da experiência é central na filosofia benjaminiana, atravessando praticamente todos os seus escritos, desde as produções mais introdutórias (cronologicamente falando) até os escritos mais complexos. Mas são nos textos dos anos trinta (*Experiência e Pobreza*, de 1933, *O Narrador*, de 1936 e os ensaios sobre Proust e Baudelaire, *As teses sobre filosofia da história*, de 1939), que a problemática da pobreza de experiência na modernidade é enfatizada, isso ao mesmo tempo aponta para a urgente extremidade da necessidade de reconstrução.

com Kant) para com o texto central de nossa análise, *Experiência e Pobreza*. Contudo, justamente devido o itinerário e evolução do conceito de experiência não ser o foco do presente trabalho, trataremos diretamente do que compreendemos por experiência em Benjamin através da análise do texto benjaminiano em questão, que para nós, não somente representa a maturidade intelectual do autor como também aponta em todos os seus curtos momentos para a significação (ou ausência de significação) da experiência (*Erfahrung*) para o autor<sup>3</sup>. Aqui, experiência é o representante do conhecimento transmitido entre gerações passadas. A “experiência” denota o conhecimento acumulado por gerações que é transmitido em geral por meios das fábulas, histórias, parábolas ou provérbios, estórias, anedotas, etc.

Ao contrário das sociedades tradicionais, consideradas por nós, muitas vezes como arcaicas, que preservavam suas tradições nos épicos e narrativas, tradição oral e escrita aos moldes dos antigos, a sociedade moderna (ou se preferirmos, contemporânea) se caracteriza pelo declínio de um passado comum a ser transmitido. O homem moderno ainda que não inteiramente desprovido da lembrança da existência dessa transmissão, não era mais capaz de dar continuidade a essa experiência, não podia mais comunicá-la ou tampouco invocar o peso contido no saber da sábia tradição. “O que foram feitos de nossos feitos?”, deveria perguntar-se Benjamin ao observar com pesar o que fora feito da sociedade através do avanço da técnica. Segundo nosso autor, o declínio da experiência se dá quando as ciências se emancipam da filosofia. A técnica subjuga a sabedoria e o saber em geral, a instrumentalidade da razão sobrepõe-se a pergunta pelo sentido. Perdemos a capacidade de narrar, perdemos a capacidade de pensar, perdemos a capacidade de desenvolver capacidades. A experiência remetia-nos a reverenciar a autoridade, a figura da sabedoria. Uma reverência, um respeito, uma atribuição de autoridade a alguém que a recebia não por despotismo, não por violências as mais diversas, não pela compra arbitrária da consideração alheia, mas por merecimento, por vivência, sim, pela sabedoria adquirida, pela *experiência* vindoura de uma relação de amor e rompimento com uma determinada tradição.

Há agora, frente à completa aniquilação do tradicional conhecimento, uma ideia corruptuosa de “conhecimento e saber” em forma de posse (*ein haben*): para Benjamin, a experiência que outrora era passada, agora é vivida. A experiência sempre fora o que construiu o inconsciente coletivo, agora, tal inconsciente está fadado ao fracasso genuíno,

---

<sup>3</sup> Acerca da evolução ou desdobramento do conceito de experiência nos textos benjaminianos, remetemos o leitor ao artigo de Lima e Baptista (2013).

codependente da “prática”, da mera ação que não pergunta pelo sentido e não se autoinstrói pelo conhecimento adquirido de uma determinada tradição. A experiência é o que experiencia o real, a experiência é feita, construída e incontestavelmente pensada como inseparável da memória: a memória é a mais épica de todas as faculdades. É impossível aqui o tédio, pois a experiência não tem pressa.

Há na obra benjaminiana uma tentativa explícita e hercúlea da recuperação do inconsciente coletivo, pois o *status quo* subtrai o direito à experiência, e os seus responsáveis (a sociedade pós-moderna que louva e exalta a técnica), não consegue perceber, em meio a barbárie que habita, que a ciência é somente uma interface do conhecimento. Assim, não havendo mais a autoridade gerada pelo conhecimento, nomeia-se a autoridade. Somos instruídos a quem obedecer, exaltar, respeitar, etc.

### **ALUSÃO AO *EXPERIÊNCIA E POBREZA*, DE 1933**

Logo no início, no primeiro parágrafo de *Experiência e Pobreza*, Walter Benjamin exorta-nos corroborando o que afirmamos anteriormente sobre o significado da experiência:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos (BENJAMIN, 2011, p. 114).

É notável a ausência de apercepção, de sensibilidade e experiência para com o real e a tradição. Onde antes era preciso uma vida de estudos para poder se afirmar algo e, muitas vezes até mesmo a execução teórica do parricídio para que houvesse espaço para uma nova experiência, agora foi sublimado pela técnica devastadora. Não que a técnica seja necessariamente em si ruim, mas suas consequências e o caminho que a humanidade trilhou a partir da mesma, sem sombra de dúvidas, ceifaram a ideia de tradição, de respeito e de busca pela experiência; busca pela experiência, não pelo aglomerado de sensações confusas e indistintas que são provocadas pelas inúmeras formas modernas de fuga do real: o real antes era interpretável, o mesmo hoje é indesejável. “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (BENJAMIN, 2011, p. 114).

A pobreza se dá aqui, aflora com demasiada facilidade: ela é o resultado da falta de mediação da tradição. Nosso filósofo afirma que:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho quanto parece. [...] nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (BENJAMIN, 2011, p. 114-115.).

É evidente que o lamento de Benjamin se dá numa constatação epocal, quer dizer, contextual, referente à sua época. Contudo, no que tange o conceito de experiência (dentre outros), Benjamin torna-se imediatamente nosso contemporâneo. O embrutecimento das massas, algo que segundo Nietzsche custara séculos de açoite, ferro e fogo para ser cessado, no caos das duas grandes guerras que o mundo presenciou no século XX<sup>4</sup>, tornou-se um fenômeno quase que novamente natural. Como sabemos, a “história” ensina-nos que as primeiras guerras iniciaram-se aproximadamente três milênios antes de Cristo, com o surgimento das primeiras nações e as primeiras demarcações de terra como limites e propriedade do Estado. Contudo, tais guerras não conheceram a magia da técnica e a alta industrialização da fábrica da morte, nem se quer havia uma indústria bélica: quão frustrante deveria ser os rostos dos soldados que voltaram das guerras de trincheiras, quão aterrorizante deveria ser o seu silêncio. Não que a guerra não traga experiências e, em determinados aspectos, uma sabedoria; basta que observemos Sun Tsu, por exemplo, em seu *A Arte da Guerra* ou N. Maquiavel, em *O príncipe*. Contudo, que ensinamentos nos trouxeram a primeira grande guerra, a primeira guerra entre humanos regida pela técnica e pelo avanço tecnológico? Trouxe-nos a experiência do silêncio, do horror, do medo e da desconstrução da experiência realmente válida. Com a perda da experiência decaí a cultura:

Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie (BENJAMIN, 2011, p. 115).

É desastroso observarmos em que ponto ou grau de decadência se pôde chegar: chega a ser um sinal de honradez autodeclarar-se pobre... Ser membro do coletivo, da pobreza coletiva, da pobreza não de um país, mas de uma época, da humanidade. A pobreza própria do bárbaro, própria dessa nova barbárie aludida por Benjamin, tornou-nos

<sup>4</sup> Lembremos que W. Benjamin só presenciara completamente a primeira guerra mundial, quer dizer, pudera analisá-la em sua vivência do começo ao fim, ele falecera antes do fim da segunda.

bárbaros novamente: “[...] o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com o pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda”<sup>5</sup>. A característica principal deste, segundo Benjamin, é uma desilusão radical com este século e ao mesmo tempo uma fidelidade inquestionável para com ele. Século XX: o mais rico dos séculos, a mais pobre das épocas.

Mas isto se impregnou no seio do homem ocidental do século XX de tal modo que a experiência passou a ser indesejável, a cegueira gerada pela barbárie e o excedente de pobreza em nossas almas impele-nos a caminhar para trás. Diz Benjamin:

[...] não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso (BENJAMIN, 2011, p. 119).

E continua afirmando que:

Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo de seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual” (BENJAMIN, 2011, p. 119).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão do presente escrito não foi a de uma análise aprofundada do conceito de “experiência” em Walter Benjamin, mas sim a exposição do primado básico da argumentação benjaminiana do sentido da experiência e o lamento da ausência da mesma na humanidade, na sociedade contemporânea do século XX e, nesse caso, também de nossa época atual, século XXI. A pretensão de uma análise mais profunda prescindiria de uma melhor e maior contextualização, tal como também a relação com os demais textos, o que ficará como projeto para uma produção futura. Por agora, acreditamos ter ficado claro o sentido e importância da experiência para Benjamin e o caos, a barbárie, a regressão e o niilismo desperspectivante a que somos levados através da ausência de experiência, cujo resultado fundamental é a pobreza nos seus múltiplos sentidos. A moeda do atual serviu-nos de alicerce para a destruição do cultural: “Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura” (BENJAMIN, 2011, p. 119).

<sup>5</sup> Cf. <<http://www.eduardoguerreiroolosso.com/Experiencia-e-Pobreza-Walter-Benjamin.pdf>>, p. 03.

A ausência da experiência mesma nos leva, nos aponta e nos remete diretamente à ausência da autenticidade do que seria próprio da natureza cultural e rica de nós mesmos.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011. p. 114-119. (Obras escolhidas; 1).

BENJAMIN, W. O Narrador. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011. p. 197-221. (Obras escolhidas; 1).

BENJAMIN, W. **Experiência e pobreza.** (1987). Disponível em: <<http://www.eduardoguerreirolosso.com/Experiencia-e-Pobreza-Walter-Benjamin.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

LIMA, J. G.; BAPTISTA, L. A. Itinerário do conceito de experiência em Walter Benjamin. **Princípios: Revista de filosofia**, Natal – RN, v. 20, n. 33, p. 449-484, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7526/5596>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

MEINERZ, A. **Concepção de experiência em Walter Benjamin.** 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programam de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15305>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe.** Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=24134](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=24134)>. Acesso em: 25 fev. 2016.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo.** Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2007.

TSU, S. **A Arte da Guerra.** Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

### Sites consultados:

A circuncisão como fator que evita o câncer de próstata. Disponível em: <[http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/04/28/noticia\\_saudeplena\\_148385/circuncisao-evita-o-cancer-de-prostata-diz-pesquisa.shtml](http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/04/28/noticia_saudeplena_148385/circuncisao-evita-o-cancer-de-prostata-diz-pesquisa.shtml)<http://saude.ig.com.br/minhasaude/os+beneficios+da+circuncisao/n1237961544517.html>>. Acesso em 25 fev. 2016.

Recebido para avaliação em 24/02/2016  
Aprovado para publicação em 26/06/2016